

A SOBREVIVÊNCIA COMO FOCO: COTIDIANO E PERSPECTIVAS DE FUTURO DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS¹

THE SURVIVAL AS A FOCUS: THE DAILY ROUTINE AND FUTURE PERSPECTIVE OF RECYCLABLE MATERIAL COLLECTORS

Michele Morais Oliveira²

Márcia Pinheiro Ludwig³

Patrícia Fernanda Gouveia da Silva⁴

James Jackson Griffith⁵

1. RESUMO

Tem-se o excesso de lixo como um dos mais graves problemas ambientais da atualidade, sendo urgente a necessidade de se encontrarem soluções para seu destino final e minimizar os problemas sociais e ambientais por ele acarretados. Nesse contexto estão os catadores de material reciclável, num cenário de exclusão e marginalização, tendo o lixo como principal meio de sobrevivência. Este estudo foi realizado a partir de uma perspectiva qualitativa voltada para o cotidiano dos catadores que trabalham coletando material reciclável em Ipatinga, MG. Os objetivos foram identificar e analisar o cotidiano dos catadores, bem como suas perspectivas quanto ao futuro. Foram utilizados como técnica de coleta e construção de dados o questionário, a entrevista semiestruturada e a observação direta. Para interpretá-los, utilizou-se a análise de conteúdo. O cotidiano do catador é desgastante, e catar lixo é uma estratégia relacionada à capacidade de inventar formas de sobrevivência num mundo que passa a condenar à marginalidade os situados fora do mercado de trabalho.

Palavras-chave: Exclusão social. Catadores de material reciclável. Resíduos sólidos.

¹ O trabalho é parte da dissertação de Mestrado em Economia Doméstica pela Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG.

² Mestra em Economia Doméstica (DED/UFV)/Linha de Pesquisa: Bem-estar social e qualidade de vida – Universidade Federal de Viçosa (mi_morais@yahoo.com.br).

³ Doutora em Arquitetura e Urbanismo (FAU/ USP) e Professora Adjunta do Departamento de Economia Doméstica da Universidade Federal de Viçosa (marciap@ufv.br).

⁴ Doutora em Antropologia Social (UFRJ), professora voluntária da Universidade Federal de Viçosa, pesquisadora visitante e pós-doutoramento na UFV (pfgs@ufv.br).

⁵ Pós-doutor em Desenvolvimento Organizacional de Programas Ambientais pela University of Washington, Ph.D. em Ciências Florestais pela North Carolina State University e Professor Titular do Departamento de Engenharia Florestal da Universidade Federal de Viçosa (griffith@ufv.br).

2. ABSTRACT

There have been excess of garbage as one of the most serious environmental problems of present, and the urgent need to find solutions to their final destination and to minimize the social and environmental problems entailed by it. In this context are the collectors of recyclable materials, a scenario of exclusion and marginalization, and the garbage as the main means of survival. This study was conducted from a qualitative perspective, focused on the daily lives of scavengers who work collecting recyclables in Ipatinga-MG. The objective was to identify and analyze the daily lives of scavengers and their prospects for the future. Was used as a technique for data collection and construction of the questionnaire, semi-structured interviews and direct observation. To interpret them we used the content analysis. The collector is exhausting routine of picking up trash and is a strategy related to the ability to invent ways of survival in a world that is condemning the eradication of the outside labor market.

Keywords: Social exclusion. Recyclable material collectors. Garbage.

3. INTRODUÇÃO

Vive-se hoje uma crise civilizacional e ambiental. Alguns estudiosos afirmam que a crise é a um só tempo generalizada e global – os sistemas naturais que sustentam a vida de uma população crescente no planeta encontram-se precários, marcados pelo atual estilo de desenvolvimento. Essa ordem econômica mundial, caracterizada pela produção e consumo crescentes, esgota e contamina os recursos naturais e leva a um questionamento profundo sobre o modo de produção industrial contemporâneo (ZACARIAS, 2000).

Esse estilo de desenvolvimento ocasiona a produção de resíduos sólidos em grandes quantidades e de diversas composições, o que dificulta seu tratamento e sua destinação adequada. A questão do lixo urbano é hoje um dos maiores desafios a serem resolvidos pela sociedade moderna. É o resultado de um modelo de desenvolvimento e

de cultura que impõe um estilo de vida cujo padrão e conforto se baseiam no excesso de consumo.

No Brasil, uma das grandes preocupações é o crescimento da quantidade de lixo produzido no país – cerca de 180 mil toneladas por dia –, média de quase 1 kg de lixo por habitante (FREUDENRICH, 2008). De acordo com a Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais – ABRELPE (2009), desse total, mais de 20 mil toneladas não são coletadas e vão parar em cabeceiras de rios, valas, terrenos baldios ou são simplesmente queimadas. Já 54,9% – 83 mil toneladas/dia – das 150 mil toneladas de lixo doméstico que são coletadas vão para aterros sanitários, enquanto 67 mil toneladas/dia (45,1%) seguem com destinação inadequada e vão para aterros com problemas e lixões a céu aberto.

A maioria das cidades brasileiras convive hoje com inúmeros problemas provocados pelas frequentes crises econômicas e políticas. Nas últimas décadas, com a queda na oferta de postos de trabalho o número de pessoas que passaram a ocupar as ruas e delas retirar seu sustento começou a crescer. A atividade de catar papéis e material reciclável começou a agregar um número cada vez maior de homens e mulheres que passaram a fazer parte dessa “economia marginal” da cidade (KEMP, 2004). Assim, para grande contingente da população resta apenas esta alternativa, a coleta de material reciclável. Retrato da exclusão social da nação, o trabalho com o lixo pelos catadores é capaz de ajudar a promover a subsistência de milhares de famílias e exercer papel muito importante na questão ambiental. Contudo, essa é uma atividade estigmatizada devido ao envolvimento com um material descartado e do qual todos querem se livrar.

Inseridos no grupo dos excluídos brasileiros estão os catadores de material reciclável ou lixo. Para Barros et al. (2002), catar lixo é uma atividade excludente em si mesma pelo tipo e pelas condições de trabalho. Esses autores afirmaram ainda que a mídia, alguns estudiosos e instituições de diversos setores destacam a catação como possibilidade de inclusão social de uma parcela de trabalhadores. Contudo, ressaltam que essa atividade pode e deve ser mesmo uma forma de inclusão social, desde que se organize esse ofício de forma a proporcionar ao catador condições dignas de trabalho e de remuneração.

É nesse contexto que se situa este estudo, realizado a partir de uma perspectiva qualitativa e voltado para os catadores de material reciclável que trabalham nas ruas de Ipatinga, MG. De forma geral, objetivaram-se identificar e analisar o cotidiano dos catadores, bem como suas perspectivas quanto ao futuro. Especificamente, este estudo buscou identificar o perfil socioeconômico dos catadores de material reciclável; conhecer a rotina do catador de material reciclável; e analisar as representações do catador quanto às perspectivas de futuro.

4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A questão ambiental tem-se tornado, principalmente nas últimas décadas, preocupação mundial, e a maioria das nações reconhece a emergência dessa problemática. Griffith (2005) afirmou que a problemática ambiental é consequência de uma ruptura na relação homem/natureza causada, em grande parte, pela capacidade do ser humano de transcender, por meio de representações simbólicas, as reações instintivas e outros comportamentos espontâneos dos seres não humanos, o que lhe permite manipular também a natureza.

Munhoz (2000) explicou que o modo como se dá o crescimento econômico, comprometendo o meio ambiente, seguramente prejudica o próprio crescimento, pois inviabiliza um dos fatores de produção: o capital natural. A degradação ou destruição de um ecossistema compromete a qualidade de vida da sociedade, pois reduz os fluxos de bens e serviços que a natureza pode oferecer à humanidade. Atualmente, o homem dispõe de mecanismos altamente sofisticados para explorar os recursos ambientais, cuja velocidade de exploração, em alguns casos, não permite mais o equilíbrio ecológico natural, e, como consequência, têm-se os grandes impactos ambientais de hoje.

Passaram-se três décadas desde a Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente, em Estocolmo (1972), e continua-se a lidar com a crise socioambiental como se ela representasse apenas uma espécie de pano de fundo a ser tratado de forma reativa e fragmentada, sem implicar a transgressão da lógica profunda que condiciona a organização das sociedades contemporâneas. Nada adianta falar em natureza sem se referir ao social. A sustentabilidade não se trata apenas do cuidado com os recursos e com o meio ambiente, mas sim das formas sociais de apropriação e uso destes.

A sustentabilidade busca satisfação das necessidades da população atual sem que se comprometa a capacidade de atendimento às necessidades das gerações futuras. Assim, para ser sustentável a sociedade necessita ser ecologicamente correta e socialmente justa. Entretanto, apesar de a sustentabilidade ser o centro das discussões atuais, na prática têm-se observado “um modelo de modernidade regido pelo predomínio do desenvolvimento da razão tecnológica sobre a organização da natureza” (LEFF, 2001b, p.17).

Sabe-se que as cidades têm experimentado rápido crescimento populacional e econômico, ocasionando uma produção de resíduos sólidos em grandes quantidades, o que dificulta seu tratamento e destinação adequada. A questão do lixo urbano é hoje um dos maiores desafios a serem resolvidos pela sociedade moderna, resultante de um modelo de desenvolvimento e de cultura, que gerou um estilo de vida cujo padrão e conforto se basearam no excesso de consumo e de desperdício inconsequente, em que a natureza é vista como fonte inesgotável de recursos com capacidade ilimitada de absorver resíduos (SANTOS, 2000).

A questão dos resíduos sólidos urbanos (lixo) é um dos mais graves problemas ambientais da atualidade. Essa questão tem-se tornado cada vez mais um desafio para o poder público, indústrias e sociedade em geral, devido à dificuldade de se reduzir a geração desses resíduos, bem como encontrar soluções para seu destino final e minimizar os problemas sociais e ambientais por ele acarretados.

O lixo existe desde quando os homens começaram a se agrupar e a viver em cidades. A reunião de pessoas num mesmo local ocasionou a produção de quantidade razoável de resíduos sólidos. O fato de, no início, não se saber ao certo como lidar com o lixo permitiu uma disposição desordenada e sem controle, o que contribuiu para o desenvolvimento de grandes epidemias na Europa, no período da Idade Média (GONÇALVES; ABEGÃO, 2006).

Sabe-se que, no Brasil, a realidade da exclusão social, fortemente associada à pobreza – em quaisquer de suas instâncias, ou em todas – vem-se agravando em termos de quantidade e intensidade, pois é cada vez maior o número de desvalidos, e cada vez mais pessoas vivem abaixo da linha da miséria. Nesse contexto, encontram-se os catadores de material reciclável, que não são novos atores no cenário da questão do lixo urbano. Trata-se de uma atividade antiga, mas que vem se expandindo ao longo dos

anos, constituindo como possível mercado de trabalho, em relação direta com a grande quantidade e qualidade de resíduos sólidos produzidos no país. Selecionando e catando material reciclável, homens e mulheres exercem atividade que constitui o primeiro elo do circuito econômico que gira em torno da reciclagem.

Somente em 2002, a ocupação de catador de material reciclável foi, contudo, incluída na Classificação Brasileira de Ocupações – CBO, cabendo a esse profissional catar, selecionar e vender material reciclável como papel, papelão e vidro, bem como material ferroso e não ferroso e outros materiais reaproveitáveis. Tais atividades podem ser desenvolvidas de formas e em locais diferenciados. Isso significa dizer que existem, por exemplo, trabalhadores autônomos e os que se acham subordinados formal ou informalmente a uma estrutura de trabalho. Da mesma forma, existem os que estão nas ruas, em lixões, galpões, cooperativas ou associações. Sua remuneração é definida a partir do volume do material coletado e vendido aos intermediários para a posterior revenda às grandes empresas de todo o país (GONÇALVES, 2004).

Gonçalves e Abegão (2006) afirmaram que a atividade da catação de lixo iniciou-se exatamente a partir da coleta desse tipo de resíduo. O catador recolhe o lixo independentemente de uma separação prévia. Antes que o caminhão passe para recolher o lixo deixado na calçada, catadores se antecipam na coleta do material. Essas pessoas, em geral, têm um histórico de vida ligado a condições de extrema pauperização. Vivem nas ruas ou catam lixo pela situação de desemprego, precarização dos laços primários, entre outros, e, muitas vezes, não possuem outra forma de obter recursos senão através da coleta dos recicláveis.

Gonçalves (2004) afirmou que estudos sobre catadores de material reciclável vêm apresentando visibilidade nos últimos tempos, pois no Brasil tem aumentado a cada dia o número de pessoas que se inserem nessa atividade. Segundo dados do Compromisso Empresarial para Reciclagem – CEMPRE, em 2000 o número de pessoas catando lixo em todo o país era de aproximadamente 200.000. Medeiros e Macêdo (2006) relataram que a estimativa, no ano de 2006, era de que o número de catadores aumentasse para aproximadamente quinhentos mil.

Ferreira (2006) destacou que, apesar da discriminação que envolve a atividade com o lixo, homens e mulheres buscam nessa atividade a inserção no mundo social e do trabalho e realizam importante tarefa que reduz a contaminação do solo, dos lençóis

freáticos e nascentes de rios, pois recolhem material que levaria muitos anos para ser degradado. O benefício que os catadores trazem para a limpeza urbana é grande, mas passa despercebido. Eles coletam recicláveis antes de o caminhão da prefeitura passar, portanto reduzindo os gastos com limpeza pública (INSTITUTO DE PESQUISAS TECNOLÓGICAS – IPT, 1996).

5. EIXO METODOLÓGICO DO ESTUDO

Este estudo foi realizado na cidade de Ipatinga, MG, situada na região metropolitana do Vale do Aço, Leste de Minas Gerais, a 205 km de Belo Horizonte. Segundo dados disponíveis na Wikipédia (2007), Ipatinga certamente é hoje a cidade mais próspera do Leste de Minas, tornando-se referência em todo o Estado e no Brasil em Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), bons indicadores sociais, infraestrutura, saúde e áreas verdes. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, a população estimada em 2005 era de 232.812 habitantes. Segundo dados da Prefeitura Municipal, em 2007 Ipatinga possuía o quinto maior PIB de Minas Gerais, que era de R\$ 6.36 bilhões, o que se deve, sobretudo, à expansão da produção siderúrgica.

Vale enfatizar que, apesar desses dados, vigoram no município, assim como no restante do Brasil, intensa desigualdade social e alto índice de desemprego, como afirmou o atual prefeito da cidade Sebastião de Barros Quintão: “Temos aqui um grande paradoxo, uma cidade rica, mas com muitas pessoas extremamente pobres” e “temos, hoje, cerca de 28 mil desempregados na cidade, e grande parte deles provêm dos 67% das camadas mais pobres de nossa sociedade”.⁶

Ipatinga possui hoje 46 anos de emancipação. É uma cidade jovem, que se desenvolveu muito durante esse período. Atraiu nas décadas de 1960 e 1970 pessoas de diferentes regiões do Brasil devido às inúmeras oportunidades de emprego decorrentes da instalação de uma das maiores siderúrgicas do país e do mundo, a USIMINAS S/A. Atualmente, os postos de trabalho são insuficientes para a própria população, resultando em desemprego e informalidade.

⁶ Afirmação do prefeito em reunião com a comissão de executivos envolvidos no projeto de expansão do Shopping do Vale do Aço em 05/07/2006, referindo-se à importância dessa obra na geração de empregos no município. Reportagem completa no site “Portal do Cidadão” da Prefeitura Municipal (http://www.ipatinga.mg.gov.br/not_vis.asp?cd=4041).

A população-alvo foi formada por catadores de material reciclável que atuavam nas ruas da cidade. Vale ressaltar que não houve escolha prévia dos entrevistados, tanto em termos numéricos quanto em relação ao perfil que apresentavam. Para determinar o tamanho da amostra, foram sendo realizadas entrevistas até que se notasse a recorrência nas respostas. Essa técnica é denominada critério da “saturação”, sendo utilizada para chegar ao número-limite de participantes, a qual consiste em realizar entrevistas até que se perceba que não estão sendo obtidos dados novos (COSTA, 2002, p. 340). Assim, 20 foi o número de catadores entrevistados.

Os contatos com os catadores davam-se nos próprios locais de trabalho, ou seja, nas ruas, nas sucaterias ou nas sedes das Associações de Catadores. O horário mais frequente era durante a tarde, preferido por eles porque trabalhavam pelas ruas durante a manhã na catação e, à tarde, paravam em algum lugar (na rua mesmo, na sucataria ou no galpão da Associação) para separar o material, pesar, vender e, assim, encerravam a jornada de trabalho.

Foram utilizadas como técnicas de coleta e construção de dados o questionário, a entrevista semiestruturada e a observação direta. Para a interpretação desses dados, utilizou-se a análise de conteúdo.

6. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A cidade de Ipatinga possui dois aterros sanitários, um que já não é mais utilizado devido ao fato de a sua vida útil ter-se esgotado e outro recém-construído, utilizado no momento, onde os resíduos são levados e aterrados. De acordo com a Prefeitura Municipal, o serviço de limpeza atende à cidade como um todo, inclusive à zona rural, com a coleta de lixo domiciliar, comercial, hospitalar, público, entulhos e outros resíduos. A coleta seletiva de lixo vem sendo iniciada no município através do programa denominado “Lixo no capricho”.

Quanto aos catadores, há muitos deles trabalhando diariamente nas ruas da cidade. De acordo com dados da Prefeitura Municipal de Ipatinga (Departamento de Limpeza Urbana), estima-se que, no município, exerçam essa atividade cerca de 250 pessoas, que, com seus carrinhos ou bicicletas de carga, recolhem diariamente material reciclável para obtenção de renda, trabalhando sem as mínimas condições de salubridade e conforto. E o que se pôde perceber foi que o número desses trabalhadores

parece aumentar a cada dia, indicando falta de qualificação profissional das pessoas e desemprego no município, realidade semelhante à do restante do país.

6.1. Perfil Socioeconômico

Entre os entrevistados, sete eram do sexo masculino e 13 do sexo feminino. A idade variava de 18 a 65 anos, sendo a mediana das idades 45 anos. Pela observação e por dados obtidos na Prefeitura Municipal, pôde-se perceber que as mulheres eram mesmo a maioria nessa atividade: “A grande maioria dos catadores é do sexo feminino, algo em torno de 90%. Essas mulheres eram, em grande parte, viúvas ou abandonadas pelos maridos, passando a ser pai e mãe de seus filhos” (PORTAL DO CIDADÃO, 2007). Pesquisa realizada em Viçosa, MG, cidade onde se situa a Universidade Federal de Viçosa, obteve resultados semelhantes, pois se verificou que a maioria dos catadores também era do sexo feminino (60%), com idade variando entre 24 e 66 anos, e a mediana, de 47 anos (OLIVEIRA et al., 2007), o que demonstrou resultados próximos aos encontrados em Ipatinga.

Sobre o estado civil dos catadores, constatou-se a predominância do casamento e do concubinato. Quanto à escolaridade, notou-se que a maior parte dos catadores teve pouco acesso à escola, ou seja, a grande maioria não concluiu nem a primeira fase do ensino fundamental. Magera (2003), em pesquisa anterior, também identificou a baixa escolaridade dos catadores e a mencionou como fator preponderante para a exclusão deles do mercado formal de trabalho.

Os catadores entrevistados residiam em 5 dos 35 bairros de Ipatinga, ou seja, nos Bairros Vila Celeste, Canaã, Bethânia, Esperança e Veneza. Constatou-se que 12 dos 20 catadores possuíam casa própria, 3 residiam em casa alugada e 5 em imóveis cedidos por parentes. Todas as residências contavam com serviço público de coleta de lixo e água tratada, apenas uma não tinha acesso à energia elétrica e 19 possuíam instalações sanitárias no interior da residência.

Verificou-se que metade dessas famílias encontrava na atividade de catação sua única fonte de sobrevivência e a renda obtida a partir daí variava de R\$50,00 a

R\$350,00⁷. As famílias que possuíam outra fonte de recursos financeiros muitas vezes obtinham-na a partir de aposentadoria, pensão, programas de transferência de renda⁸ do governo ou, de forma esporádica, trabalhando em faxinas, vendas, limpezas em galpão de sucateiros ou de garçom. Dez dos entrevistados participavam de programas assistenciais do governo como Bolsa- Família e PETI (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil), em que recebiam mensalmente quantias em dinheiro, variando de R\$15,00 a R\$95,00, diferença explicada pelo número de filhos na escola e pelo programa no qual se inseria. Os entrevistados relataram que esses valores contribuíam muito para o orçamento da família. Ressaltaram também que, de forma alguma, conseguiriam se sustentar apenas com eles.

Através da pesquisa realizada, pôde-se perceber que a variação na renda se explica pela diferença no número de horas trabalhadas, no ritmo de trabalho e na quantidade e qualidade de resíduos encontrados por cada um. Isso porque alguns eram alcoólatras e não trabalhavam todos os dias, já outros possuíam limitações físicas causadas por acidentes ou pela idade já avançada.

6.2. A Coleta de Material Reciclável

A coleta de material reciclável era realizada pelas ruas da cidade. Os catadores vasculhavam as sacolas colocadas nas calçadas antes de o caminhão coletor passar. Quanto ao meio utilizado para transporte do material reciclável, do total de 20 catadores, 15 utilizavam carrinhos de ferro de propriedade da sucataria onde vendiam o material ou da Associação de Catadores à qual pertenciam, quatro possuíam carrinho próprio e um utilizava bicicleta de carga. Essa situação foi também constatada em Fortaleza⁹, onde os carrinhos, em 60% dos casos, eram de propriedade do dono das sucatarias onde o material era vendido.

⁷ Essa variação na renda se explica pela diferença no número de horas trabalhadas, no ritmo de trabalho e na quantidade e qualidade de resíduos encontrados por cada um. O salário mínimo vigente na época da pesquisa era de R\$350,00.

⁸ Os programas de transferência de renda do governo visam auxiliar as famílias com renda *per capita* inferior a meio salário mínimo, na forma de subsídio financeiro mensal e temporário. Alguns exemplos de programas dessa natureza atualmente em funcionamento no Brasil são o Bolsa-Família e o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI).

⁹ Dados da pesquisa realizada pelo Instituto Municipal de Pesquisas, Administração e Recursos Humanos e Fórum Lixo e Cidadania de Fortaleza, em 2006.

O tempo de exercício dessa atividade pelos entrevistados variava de 8 meses a 24 anos. A maioria já teve outra experiência de trabalho, sendo esta na maior parte em trabalhos domésticos e outras como pedreiro, sorveteiro, garçom e chefe de cozinha.

Todos os entrevistados disseram que, além de coletarem material para vender, utilizavam algumas das coisas encontradas, como: roupas, vasilhas, brinquedos, calçados, aparelho de som e relógio. Isso também foi verificado na pesquisa com catadores de material reciclável de Scariot e Acker (2004). Sobre isso, Juncá (2004) afirmou que a atividade de catar lixo já foi associada apenas à mendicância, restringindo-se o material coletado ao uso pessoal. Hoje a situação é bem diferente, uma vez que altos índices de desemprego vêm-se combinando com o desenvolvimento de uma cultura de reaproveitamento e obtenção de renda a partir da reciclagem.

O desemprego foi o motivo mais apontado pelos catadores para ter iniciado a coleta dos recicláveis. Outros motivos citados foram baixa escolaridade, idade, limitações físicas para exercer outra atividade, necessidade de ajudar no orçamento familiar ou até mesmo necessidade de passar a chefiar a família (caso de algumas mulheres). O Instituto de Pesquisas Tecnológicas - IPT (2004) e Magera (2003), em suas pesquisas, também relacionaram a ampliação do número de catadores ao aumento do desemprego e às crescentes exigências para o acesso ao mercado formal de trabalho. Para esses autores, muitos trabalhadores da catação constituem-se em uma massa de desempregados, que, por sua idade, condição social e baixa escolaridade, não encontram lugar no mercado formal de trabalho. Nesse contexto, Medeiros e Macêdo (2006) destacaram que, na catação, esses fatores não são excludentes, pois uma das características dessa atividade é a ausência de exigências para o seu ingresso.

Quase todos os entrevistados tinham pelo menos algum familiar exercendo a atividade de coleta de material reciclável, principalmente filhos, irmãos e cônjuges. Scariot e Acker (2004) e Adametes (2004) também identificaram essa realidade em pesquisas envolvendo catadores. Adametes (2004) mencionou que há casos de três gerações trabalhando na catação e que isso não significa que todos sejam amigos, pois sobrevivência é luta – luta contra a miséria – e de uma forma ou de outra existe sempre a competição entre eles.

6.3. Cotidiano dos Catadores

O cotidiano é onde se realizam as atividades relativas à vida, é a expressão da própria existência humana no mundo. É também a realização dos afazeres diários, a repetição das atividades vitais, o desenvolvimento das emoções. A vida cotidiana é a vida de todo homem, e todos estão nela mergulhados com todos os aspectos do seu ser. É nela que entram em funcionamento todos os seus sentidos, capacidades intelectuais, sentimentos, ideias, ideologias que fazem parte do dia a dia no trabalho, descanso e lazer (HELLER, 1992).

Toda realidade é representada, ou seja, reapropriada pelo indivíduo ou pelo grupo, reconstruída em seu sistema cognitivo, integrada em seu sistema de valores, dependente de sua história e do contexto social e ideológico que o cerca. Essa representação reorganiza a realidade, permitindo a interação das características concretas e das experiências vivenciadas pelo sujeito.

Quanto ao início e finalização do dia, os catadores afirmaram ter que dormir e acordar cedo para aguentar a rotina de trabalho:

Eu acordo é cinco e meia. Ali eu fico até dar a hora pra eu não chegar atrasado aqui (E12/masculino/ 41 anos).

Eu durmo cedo menina, oito horas eu já tô dormindo... (E19/ masculino/ 43 anos)

Muitos catadores mencionaram ficar pela rua o dia todo trabalhando e só se alimentarem quando chegavam a casa, à tarde; já outros levavam a comida pronta de casa em marmita e paravam na rua mesmo para almoçar:

Tem dia que eu, eu fico só com o almoço minha filha, três hora da tarde, vou comer no outro dia (E10/ masculino/ 62 anos).

Já levo a marmita, trago de casa cedinho. Aí paro na rua, almoço, tomo meu cafezinho, trago a garrafa de café (E11/ masculino/ 41 anos).

Os horários de trabalho na catação eram flexíveis, e o horário de encerramento do trabalho diariamente variava:

Às seis hora eu chego, aí eu chego em casa, dou merenda pro meu filho e vou catar de novo nas casa e na rua. Às nove horas eu retorno, tomo o meu banho e aí a gente dorme (E13/ feminino/ 47 anos).

Aí junto as coisa e levo pra casa pra separar, trago no outro dia. Saio daqui cinco hora (E3/ feminino/ 52 anos).

Juncá (2000) destacou que a rotina do catador é desgastante e envolve normalmente mais de oito horas de trabalho por dia. Em sua pesquisa com catadores em Campos dos Goitacazes, Estado do Rio de Janeiro, ela identificou que 75,5% dos trabalhadores da catação tinham jornada diária superior a oito horas, 14,3% de seis a oito horas e 10,2% de menos de seis horas. E, quando a necessidade apertava ainda mais, catavam lixo também à noite.

Quanto aos fins de semana, as catadoras destacaram os afazeres domésticos como faxinar a casa e lavar roupas como sua principal ocupação, visto que não tinham tempo para fazer isso durante a semana.

Todos domingo lavo roupa né? Meu prazo é esse (E13/ feminino/ 47 anos).

O trabalho com material reciclável também era realizado nos fins de semana por alguns catadores; assim, quando não saíam para catar, ocupavam-se em organizar e separar o que já haviam coletado:

Eu quase não descanso também não, o material que eu junto no sábado eu fico separando no domingo. Separo o lixo pra colocar pra fora, dou uma limpeza no lote, eu não fico parado de tudo também não (E9/masculino/61 anos).

Os catadores acreditavam ter pouco ou nenhum descanso:

... a gente que é pai e mãe ao mesmo tempo num tem jeito de cê descansar não. Sábado, se não der tempo de cê lavar uma roupa, aí cê tem que lavar é no domingo (E6/feminino/47 anos).

Eu acho que eu só vou descansar quando eu morrer (E13/feminino/ 47 anos).

O cotidiano do catador leva a marca das sobras da sociedade, e não restam dúvidas de que desse trabalho com o lixo saem indivíduos entorpecidos e esmagados pela realidade da inclusão-exclusão. Eles têm história para contar e uma vida a viver, mantendo-se sempre numa tentativa de busca de alternativas capazes de promover uma reciclagem, de direito e de fato, para o seu reconhecimento enquanto cidadãos (JUNCÁ, 2000).

6.4. O futuro na visão dos catadores

Tendo a sobrevivência como foco, era para ela que os catadores estavam olhando em suas trajetórias e é por ela que – nos descaminhos traçados pelos assombrosos mecanismos de desigualdade e injustiça – todos lutavam (ADAMETES, 2004). Os catadores, muitas vezes, tão envolvidos nessa luta perversa pela sobrevivência, não conseguiam vislumbrar possibilidades de melhorias ou realizações de sonhos. Eles se adaptavam às dificuldades, à discriminação e à precariedade em que viviam, sentindo-se, muitas vezes, como o catador entrevistado por Medeiros e Macêdo (2006) que afirmou: “Eu penso assim que eu nessa profissão, eu não tenho futuro, porque eu só ganho mesmo pra comer e vestir...”

Nas falas de alguns dos catadores envolvidos na pesquisa, pôde-se perceber essa mesma representação pessimista sobre o futuro; a de que nada mais esperavam e a ausência de sonhos:

Pro futuro? Pelo que a gente faz e a gente ganha num precisa nem pensar em futuro nenhum não. Viver essa vida aí mesmo até o dia final... (E9/ masculino/ 61 anos).

Ah, eu num sonho nada. (E4/ feminino/ 42 anos).

... agora eu não espero nada mais, porque minha força é pouca, meu trabalho dá pouco rendimento né? É a conta mesmo, assim, de eu comprar um remédio... (E1/ feminino/ 65 anos).

A inexistência de direitos trabalhistas gerava preocupação e sofrimento aos catadores, que se sentiam desamparados e sem condições de ter perspectivas quanto ao futuro, totalmente incerto por essa razão. Pôde-se apreender que os catadores almejavam sair da informalidade, ter um emprego registrado ou até mesmo trabalhar em outra profissão. “Fichar”, para eles, tinha essa representação, de segurança, de possibilidade de cuidar deles mesmos, de se aposentar:

O meu plano é fichar né? Pra poder cuidar de mim. É o meu sonho né? É ter meu salário garantido e quando eu ficar mais velha poder aposentar né? (E16/feminino/46 anos).

Notou-se que alguns catadores não demonstraram desejo de sair da catação, mas melhorar sua renda através da valorização do preço do material que coletavam e facilitar suas condições de trabalho pela aquisição de um carro:

As coisa boa que eu penso (...). De pagar mais, de pagar mais caro, que tá muito barato o material (E3/feminino/52 anos).

Ah, meu sonho é ter um carro pra trabalhar com minhas coisa mesmo né? Se fosse pra eu trabalhar mesmo, eu queria trabalhar com esses negócio mesmo de sucata, mas na minha casa né? (E6/feminino/47 anos).

O sonho de aquisição da casa própria, comum a milhares de brasileiros, foi também mencionado por muitos:

Meu sonho é só ter uma casa própria, pra sair do aluguel, pra vida ficar mais fácil um bocado (E7/ feminino/ 45 anos).

Em uma das entrevistas foi destacado o desejo de fazer curso superior; também um sonho de muitos brasileiros:

Ah menina, eu queria fazer uma faculdade, só que o curso que eu quero fazer tem que pagar né? Aí eu vou esperar eu folgar pra eu começar. Tem que fazer o ProUni. (...) Letras (E17/masculino/18 anos).

Esse rapaz tinha noção da dificuldade de acesso ao ensino superior no Brasil para as pessoas de baixa renda, quando disse que “o curso que quero fazer tem que pagar” e que “tem que fazer o ProUni¹⁰”. E esse programa tem sido, muitas vezes, uma das poucas oportunidades para que essas pessoas continuem seus estudos, pois o acesso à universidade pública e gratuita acaba ficando, em sua maioria, restrito àqueles que puderam concluir o Ensino Médio com dedicação aos estudos sem trabalhar para ajudar no orçamento de suas famílias.

Um dos catadores, que em outros momentos mencionou já ter se aposentado e trabalhar na catação apenas para complementar a renda e por não conseguir “ficar parado”, demonstrou, através desse discurso, um interessante desejo para o futuro:

O que eu quero é que todas família seja feliz né? Eu quero que todas família seja respeitada né? Eu quero que a proteção da pessoa carente aumenta um pouco mais, além do que tá né? É só isso aí mesmo. (...) Eu já tenho meu lugar, eles já aposentou eu né? Já me favoreceu um bocado, já num tá tão

¹⁰ O PROUNI - Programa Universidade para Todos - tem como finalidade a concessão de bolsas de estudo integrais e parciais a estudantes de baixa renda, em cursos de graduação e sequenciais de formação específica, em instituições privadas de educação superior, oferecendo, em contrapartida, isenção de alguns tributos àquelas que aderirem ao Programa. Essas ações vão ao encontro das metas do Plano Nacional de Educação, que prevê a presença, até 2010, de pelo menos 30% da população na faixa etária de 18 a 24 anos na educação superior, hoje restrita a 10,4%.

ruim mais. E pedir a Deus pra me proteger pra eu não ficar sem a minha saúde. Cuidando da minha saúde tá beleza pura (E10/masculino/62 anos).

Nessa fala, notou-se a satisfação desse homem em relação às condições em que vivia, pois ele já estava aposentado e com a sua renda assegurada, ou seja, já havia realizado um dos sonhos dos outros catadores. Há aqui o desejo de que todas as famílias sejam respeitadas e assistidas, uma preocupação não apenas com seu bem-estar, mas com o dos outros também. A saúde foi aqui destacada por ele como uma das coisas mais importantes; que, se essa for uma realidade, está “beleza pura”.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir deste estudo, foi possível aumentar o conhecimento sobre a realidade dos catadores de material reciclável de Ipatinga, MG, identificando principalmente os aspectos relativos ao seu perfil socioeconômico, trabalho, cotidiano e perspectivas de futuro.

Confirmaram-se as discussões atuais sobre a qualidade de vida do brasileiro quanto à renda, que enfatizam que muitas das famílias possuíam renda mensal *per capita* inferior a meio salário mínimo, caracterizando, assim, uma situação de pobreza, fome, ensino precário etc.

Nessa busca pela sobrevivência, pode-se dizer que os catadores têm uma exaustiva rotina, pois, além das péssimas condições de conforto e salubridade no trabalho, é necessária uma longa jornada de trabalho, que ultrapassa oito horas diárias e inclui os fins de semana. Além disso, quase não possuíam momentos de lazer e descanso, o que reduzia a qualidade de vida e a saúde desses trabalhadores.

Quanto ao futuro, muitos deles sonhavam em melhorar suas condições de vida e de moradia, além do trabalho de catador. Sonhavam com a seguridade social e trabalhista, anseio de milhares de brasileiros submetidos à informalidade e ao desemprego. A formação através da educação formal também foi encontrada como alvo. Cesconeto (2004) afirmou que os excluídos não se entregam, mas descobrem a cada dia formas inéditas de trabalho e luta, entre elas a ocupação de catar lixo. Mas catar lixo é estratégia relacionada à capacidade de inventar formas de sobrevivência num mundo que passa a condenar ao extermínio os situados fora do mercado de trabalho.

Trata-se de um tema relevante e atual nas Ciências Sociais, razão por que se faz necessária a continuidade das pesquisas com os catadores de material reciclável. Tais estudos podem contribuir para a melhoria dos meios e condições de trabalho em que os catadores estão inseridos atualmente por todo o país, bem como para o reconhecimento social desses trabalhadores. Assim, pode-se dizer que somente com uma real mudança de valores e paradigmas individuais e coletivos, obtidos principalmente através da educação ambiental de campanhas socioambientais e da alteração da imagem da profissão do catador, serão possíveis a justiça ambiental, a promoção social, a geração de renda e a preservação do meio ambiente.

8. REFERÊNCIAS

ADAMETES, C. M. Trajetória de uma associação de catadores (as) de lixo no Brasil: em busca de um lugar social. In: CONGRESSO LUSO-AFRO-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 8., 2004, Coimbra. **Anais...** Coimbra, Portugal, 2004.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMPRESAS DE LIMPEZA PÚBLICA E RESÍDUOS ESPECIAIS (ABRELPE). **20 mil t de lixo não são coletadas por dia**. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/agencias/ae/brasil/detail/2009-07-07-450426.shtml>>. Acesso em: 10 nov. 2010.

BARROS, V. A.; SALES, M. M.; NOGUEIRA, M. L. M. Exclusão, favela e vergonha: uma interrogação ao trabalho. In: GOULART, Í. B. (Org.). **Psicologia organizacional e do trabalho: teoria, pesquisa e temas correlatos**. São Paulo: Casa do Psicólogo.

CESCONETO, E. A. Catadores de lixo: uma experiência da modernidade no oeste paranaense. In: CONGRESSO LUSO-AFRO-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 8., 2004, Coimbra. **Anais...** Coimbra, Portugal, 2004.

COSTA, R. G. Reprodução e gênero: paternidades, masculinidades e teorias da concepção. **Revista estudos feministas**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, jul./dez. 2002.

FERREIRA, S. L. Os “catadores de lixo” na construção de uma nova cultura: a de separar o lixo e da consciência ambiental. **Revista Urutágua**. Disponível em: <<http://www.uem.br/urutagua/007/07ferreira.htm>>. Acesso em: 23 fev. 2006.

FREUDENRICH, C. **Como funcionam os aterros**. Publicado em 27 de junho de 2008. Disponível em: <<http://ambiente.hsw.uol.com.br/aterros.htm>>. Acesso em: 10 nov. 2010.

GONÇALVES, H. H.; ABEGÃO, L. H. **Da ausência do trabalho à viração: a importância da catação na manutenção da vida**. Disponível em: <<http://www.anppas.org.br/>>

encontro/segundo/Papers/GT/GT09/Heloisa%20e%20Luis.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2006.

GONÇALVES, R. S. **Catadores de materiais recicláveis: trajetórias de vida, trabalho e saúde.** 2004. 97 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) – Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2004.

GRIFFITH, J. J. **Sistemas de gestão ambiental.** Viçosa, MG, 2005. (Notas de aula).

HELLER, A. **O cotidiano e a história.** 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

INSTITUTO DE PESQUISAS TECNOLÓGICAS (IPT). Compromisso empresarial para reciclagem (CEMPRE). **Lixo municipal: manual de gerenciamento integrado.** São Paulo, IPT, 1996.

JUNCÁ, D. et al. **A mão que obra no lixo.** Niterói, RJ: EdUFF, 2000. 121 p.

JUNCÁ, D. **Mais que sobras e sobrantes: trajetórias de sujeitos no lixo.** 2004. 250 f. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2004.

KEMP, V. H. Trabalho, Solidariedade e Autonomia: a Associação de Catadores de Material Reciclável de São João Del-Rei – ASCAS. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, 2., Belo Horizonte. Belo Horizonte: [s.n.]. 7 p.
LEFF, E. **Saber ambiental.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2001b. 343 p.

MAGERA, M. **Os empresários do lixo: um paradoxo da modernidade.** Campinas, SP: Átomo, 2003.

MEDEIROS, L. F. R.; MACÊDO, K. B. Catador de material reciclável: uma profissão para além da sobrevivência? **Psicologia e Sociedade**, v. 18, n. 2, p. 62-71, maio/ ago. 2006.

MUNHOZ. **Texto básico de educação ambiental para primeiros e segundo graus.** Disponível em: <<http://educar.sc.usp.br/biologia/textos/m-a-txt8.html>> Acesso em: 12 mar. 2000.

OLIVEIRA, C. C. et al. **Perfil socioeconômico dos catadores de materiais recicláveis de Viçosa-MG.** Viçosa, MG: UFV; IV SEU, fev. 2007.

PEREIRA NETO, J. T. **Quanto vale nosso lixo.** Viçosa, MG: UFV, 1999. 70 p.

PORTAL DO CIDADÃO. **Heroínas das ruas: 90% de catadores de papel em Ipatinga são mulheres.** Disponível em: <<http://www.ipatinga.mg.gov.br>>. Acesso em: 14 fev. 2007.

SANTOS, J. **Os caminhos do lixo em Campo Grande: disposição dos resíduos sólidos na organização do espaço urbano.** Campo Grande: UCDB, 2000. 109 p.

SCARIOT, N.; ACKER, C. H. **História de vida e exclusão social**: os catadores de lixo reciclável em Ijuí. Disponível em: <www.rizoma.ufsc.br/showprod.php?id=206>. Acesso em: 10 set. 2004.

WIKIPÉDIA. **Ipatinga**. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Ipatinga>>. Acesso em: 14 fev. 2007.

ZACARIAS, R. **Consumo, lixo e educação ambiental**: uma abordagem crítica. Juiz de Fora, MG: FEME, 2000. 88 p.

A sobrevivência como foco...

*Recebido em 17 de março de 2011 Aceito em 01 de junho de 2011.